

Dramaturgia pluriversal I – narrativas LGBT+

Nesta ementa, você vai encontrar os conteúdos presentes no curso *Dramaturgia pluriversal I – narrativas LGBT+*. O objetivo é apresentar o percurso formativo que você irá percorrer.

O programa *Dramaturgia pluriversal* se propõe a lançar um olhar afinado e diverso sobre as possibilidades múltiplas de trazer para o palco e para o audiovisual narrativas LGBTQIA+ e negras por meio da dramaturgia. Reconhecendo a escassez de histórias com diversidade de gênero e de raça na ficção brasileira e sabendo da crescente busca de profissionais contadores de histórias que sejam desses grupos no mercado de trabalho, este curso, dividido em duas etapas, possui três objetivos gerais:

- Abordar o histórico de pouco acesso, baixa visibilidade e alto preconceito com os quais os profissionais tiveram e ainda têm que lidar.
- Traçar um histórico da luta de artistas LGBTQIA+ e/ou pretos.
- Propor uma visão crítica e reflexiva sobre quais caminhos devemos construir para habitar esses espaços em lugares estratégicos como protagonistas e tomadores de decisão.

A primeira etapa do curso, *Narrativas LGBT+*, tem como foco de trabalho a elucidação dos processos analíticos de construção de personagens LGBTQIA+ nas principais linguagens cênicas (teatro e audiovisual) e é voltada para artistas cisgêneros e/ou não pertencentes a essa comunidade, justamente para expandir a discussão.

Por tratar-se de uma criação a partir da dramaturgia, o público-alvo são artistas que trabalham com a escrita cênica: dramaturgos, roteiristas, atores, diretores e pessoas interessadas na discussão crítica sobre o problema atual de representação dessas personagens na ficção e o aprofundamento nas novas possibilidades dessa representação e da representatividade em obras ficcionais.

As motivações para esse projeto vêm de uma contínua pesquisa de Daniel Veiga – homem trans e preto e cofundador do Coletivo de Artistas Transmasculines (Cats) – em explorar questões de gênero, identidade e existencialismo no teatro e no cinema. A representação de pessoas LGBTQIA+, sobretudo as trans, é extremamente problemática nas narrativas ficcionais. Décadas de preconceito e desinformação formaram personagens pouco expressivos, pejorativamente cômicos, com destinos altamente trágicos ou de caráter duvidoso, raramente sendo tratados com complexidade. É necessário aprofundar a compreensão intelectual, artística e, sobretudo, humana do universo LGBTQIA+ em uma sociedade que não dá espaço para a diversidade e a subjetividade.

Para isso, Veiga convida Ave Terrena (dramaturga, atriz, diretora e professora travesti paulistana) e Gautier Lee (cineasta, pessoa não binária e negra do Rio Grande do Sul), que abordam ampla e verticalmente as vivências identitárias em sua obra. O objetivo é fazer com

que a temática seja um motor de criação e questionamento, em que se possa investigar artisticamente o incômodo causado por questões como o silenciamento dessas narrativas.

INFORMAÇÕES GERAIS

Modalidade: curso livre

Formato: curso autoformativo (assíncrono)

Carga horária: 10 horas

Público-alvo: dramaturgos, roteiristas, atores, diretores e pessoas interessadas no tema

Certificação: com emissão de certificado ao final do curso, de acordo com as regras previstas no regulamento da Escola Itaú Cultural

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ETAPA 1 | PARTE 1 – Dramaturgia no palco

com Ave Terrena Alves

Aula 1 – Narrativas LGBTQ+ na cena teatral contemporânea

- Palavra-mundo
- Reconstrução contínua da memória
- Amor próprio e compromisso
- Dramaturgias coletivas
- Processos colaborativos
- Relações entre estética e modos de produção

Como os textos teatrais podem, ao mesmo tempo, ser um ato de consolidação das subjetividades em cena, que manifestam uma leitura própria do mundo, e construir coletivamente reflexões críticas através do sensível? Nesta primeira aula, a cena contemporânea das narrativas LGBTQ+ no teatro brasileiro será apresentada através de peças brasileiras produzidas por grupos de teatro. Reflexão sobre as identidades excluídas do convívio social e como o teatro pode ser um modo de criar laços de pertencimentos e solidariedade criativa, incorporando características dos processos colaborativos. Formas de fortalecimento dos sujeitos no mundo por meio dos conceitos de “compromisso” e “amor próprio” apresentados por bell hooks, assim como da “palavra-mundo” em Paulo Freire e da “reconstrução contínua da memória” em Jaqueline Gomes de Jesus.

Aula 2 – Escritas LGBTQIA+ no contexto da ditadura militar

- Autobiografia
- Suspense policial

- Instâncias narrativas
- Recepção da crítica sobre obras de autoras LGBTQ+

Para compreender os fundamentos da construção simbólica sobre as vidas LGBTQ+ em cena, é necessário também conhecer e compreender o contexto no qual as primeiras autoras e autores LGBTQ+ escreveram. Quais paradigmas precisaram ser quebrados para que as personagens se desentranhassem da superficialidade e do preconceito que dominava o imaginário sobre nossos corpos? Para imergir nessa pergunta, vamos analisar trechos de obras que não são peças teatrais, mas que marcam as primeiras apropriações da escrita de autoria LGBTQ+ em plena ditadura militar: a romancista Cassandra Rios, escritora lésbica, e o poeta Anderson Herzer, um dos primeiros homens trans a publicar um livro no Brasil.

Aula 3 – A visão do outro sobre nós na dramaturgia brasileira

- Representações LGBTQ+ no cânone da dramaturgia
- Tragicidade
- Comicidade
- Violência em cena
- História e memória da comunidade LGBTQ+
- Operações de perseguição e extermínio à comunidade LGBTQ+
- HIV/Aids

Estudar a história da construção de personagens LGBTQIA+ por autores homens cisgêneros também é um jeito de entender como o Brasil nos via no passado, o que mudou e o que permanece no presente. Para compreender o olhar do outro sobre nós, retomaremos personagens e situações de peças que tocam em vivências LGBTQ+, em trabalhos de Nelson Rodrigues e Plínio Marcos, destacando elementos como a tragicidade associada à identidade, a abordagem da dor e do sofrimento e o estigma atribuído ao corpo e às ações das personagens. A leitura das peças *Navalha na carne* e *O beijo no asfalto* será feita na encruzilhada com o contexto histórico da ditadura, conforme relatado em depoimentos de travestis que viveram na época e homens *gays* estudiosos desse período.

Aula 4 – Representatividade bioperformativa: a tomada da autoria

- Reterritorialização
- Representatividade
- Corpo como texto
- Texto como prótese
- Emancipação do campo simbólico
- Empregabilidade

A reivindicação por representatividade no teatro é também um modo de pautar a urgência de intervir tanto no campo simbólico quanto no campo material da empregabilidade e abertura de novas possibilidades profissionais. Essa demanda pode variar de acordo com o contexto histórico e geográfico, não sendo um tabu moral, mas, sim, um debate que permeia a ética e a democratização profunda dos meios de produção no teatro.

A presença de pessoas LGBTQ+ na arte não é de hoje; o debate consciente e propositivo se inicia há cerca de dez anos, com peças como *Lou&Leo*, de Leo Moreira Sá, o solo de Renata Carvalho, *Dentro de mim mora outra* (que, juntamente com o *Manifesto transpofágico*, originou o vídeo *Corpo sua autobiografia*), e a peça *Luís Antonio Gabriela*, da Cia. Mungunzá, que passou por transformações após o questionamento sobre a importância da presença de corpos trans em cena para narrar a própria história. Esses três casos serão analisados comparativamente para refletir sobre os caminhos e descaminhos da representatividade, suas contribuições e tensões nos processos de criação textual.

Aula 5 – Quando as “performances da oralitura” adentram o castelo do teatro

- Poesia
- Oralitura
- *Performance*
- Fronteiras artísticas

Nem só de palavras escritas se fazem textos, e nem só no edifício do teatro o teatro está. Em busca das formas populares de expressão da comunidade LGBTQ+, trazendo outras artes e linguagens para o centro do castelo do teatro, esta aula abordará processos criativos que afirmam textualidades para além da escrita. Com base nos conceitos de “performances da oralitura”, de Leda Maria Martins, “cuíerlombo”, de Tatiana Nascimento, e “depoimento pessoal”, de Roberta Estrela D’Alva com o Núcleo Bartolomeu de Depoimento, as palavras orais e a dramaturgia do corpo serão encaradas como textos, com base em exemplos de peças contemporâneas – no teatro, no *slam* e no circo – que se situam nessa fronteira artística.

ETAPA 1 | PARTE 2 – Dramaturgia audiovisual com Gautier Lee

Quais rumos estão sendo apontados pela arte urbana no contexto contemporâneo das cidades? Como ficarão as fronteiras sociopolíticas na arte urbana?

Aula 1 – Roteiro e narrativa audiovisual

- Elementos narrativos
- Roteiro audiovisual

Nesta aula, faremos uma introdução à linguagem e à narrativa audiovisual, com foco nos elementos que formam esse tipo de narrativa, para que seja possível iniciar a formação de um olhar crítico.

Aula 2 – Representatividade LGBTQ+ no audiovisual

- Estrutura da narrativa
- Trama e subtrama
- Foco narrativo

Nesta aula, pensaremos em como a estrutura narrativa pode ou não potencializar a escrita de personagens LGBTQ+, além de entender o panorama histórico da representatividade e as ações políticas envolvidas na sua evolução.

Aula 3 – Escrevendo personagens LGBTQ+

- Construção de personagem
- Arco de personagem
- Dilema, conflito interno e externo

Nesta aula, estudaremos personagens LGBTQ+ em dois âmbitos: aqueles criados por pessoas cis-hétero e aqueles criados por pessoas LGBTQ+. Através dessa análise comparativa, entenderemos os pormenores do olhar do outro e do olhar de si mesmo.

Aula 4 – Análise de produtos audiovisuais LGBTQ+

- Crítica de cinema
- Narrativas LGBTQ+

Nesta aula, analisaremos produtos que retratam personagens LGBTQ+ ou que possuem narrativas LGBTQ+, além de entender qual é o papel do crítico e o que levar em consideração durante a análise do produto e na escrita da crítica.

Aula 5 – A prática cinematográfica

- Sets de filmagem
- Mercado audiovisual

Na última aula do curso, entenderemos como levar para a prática as teorias estudadas até o momento, fazendo um apanhado geral do mercado audiovisual e de políticas públicas que visam trazer diversidade de gênero para a indústria criativa.

DOCENTES

Ave Terrena Alves

Escritora, diretora teatral e professora da Escola Livre de Teatro de Santo André. Entre seus trabalhos estão *As mulheres dos cabelos prateados*, estreada na Vila Itororó em 2021; *E lá fora o silêncio*, publicada pelo Teatro da Universidade de São Paulo (Tusp) em 2021; *Máquina branca*, estreada na SP Escola de Teatro em 2019; *As 3 uíaras de SP city*, na *Mostra de dramaturgia do CCSP*, publicada pela editora Giostri em 2017; o livro de poesias *Segunda queda*, publicado pela editora Kuzuá em 2018 e que se tornou um espetáculo poético-musical; e a peça *Lugar da chuva*, de intercâmbio entre os estados de Amapá e São Paulo, circulando em diversas cidades entre 2018 e 2020. Tem formação em letras pela USP e integrou o Núcleo de Dramaturgia Sesi-British Council.

Atualmente está em processo na peça *O que vem depois da esperança?*, com o Teatro Universitário do Porto, em Portugal. Atua no filme *Para onde voam as feiticeiras*, com estreia marcada para 2022.

Daniel Veiga

Ator, roteirista e dramaturgo. Entre 2019 e 2020, foi o primeiro docente homem trans no curso de dramaturgia da SP Escola de Teatro, mesmo curso em que se formou em 2016. Também passou pelos núcleos de dramaturgia da Escola Livre de Teatro (ELT) em Santo André e do Sesi em São Paulo. Seu texto teatral *Camilo* acaba de ser lançado pela Editora Sesi. Antes de voltar à escola como docente, orientou por 18 meses o projeto SP Dramaturgias, voltado para a discussão e a leitura pública de textos contemporâneos de dramaturgia. Desde 2021, tem trabalhado, em unidades do Sesc e festivais de teatro, a oficina *Personagem LGBTQ+ – novas representações e representatividade*.

Migrando para o audiovisual, é formado pelo Roteiraria e acaba de integrar o projeto *Colaboratório criativo*, iniciativa da Afar Ventures com a Netflix. Em 2020, escreveu o roteiro para a *Ocupação Lima Duarte*, do Itaú Cultural (IC). Está desenvolvendo seu projeto *Tormenta* (pelo ProAc Desenvolvimento de Séries), e seu longa *Terra de sangue* recebeu o Prêmio Novos Roteiros da Organização dos Estados Ibero-americanos. Como ator, ganhou o Kikito (*Festival de cinema de Gramado*), o Araiibu (*Festival de cinema do Vale do Jaguaribe*) e o Troféu Vento Norte pelo curta *Você tem olhos tristes*, de Diogo Leite. Fez participações nos seriados *3%* (Netflix) e *Love3* (Amazon, em produção) e acaba de protagonizar seu primeiro longa.

No teatro, dirigiu entre 2009 e 2016, e seu texto *Da mais bela que tive* ganhou Menção Honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte em 2013. É cofundador do Coletivo de Artistas

Transmasculines (Cats), voltado para pautas políticas como representatividade e empregabilidade de artistas transmasculinos de diversas linguagens.

Gautier Lee

Roteirista-diretora *queer* negra. É uma das fundadoras do Macumba Lab, coletivo de profissionais do audiovisual negro no Rio Grande do Sul. Foi vencedora do prêmio Cabíria em 2019 e, posteriormente, em 2020, foi finalista do Sir Peter Ustinov Scriptwriting Award, prêmio concedido pela International Academy of Television Arts and Science. Dirigiu o curta-metragem *Desvirtude*, que, em sua estreia no festival de Gramado, ganhou cinco prêmios, incluindo Melhor Direção e Melhor Filme. Trabalhou em séries para Amazon, Netflix, Globoplay e Comedy Central, e foi participante do *Colaboratório criativo*, iniciativa da Afar Ventures com a Netflix Brasil. Atualmente, está desenvolvendo seu segundo roteiro de longa-metragem e é diretora-geral do *Fade to black festival*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Espetáculos

- *As 3 uíaras de SP city*, de Ave Terrena
- *Periferida*, do Coletivo Acuenda
- *Xica*, do Coletivo das Liliths
- *GrazziEllas*, de Mel Campus
- *Navalha na carne*, de Plínio Marcos
- *O beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues
- *Lou&Leo*, de Leo Moreira Sá
- *Luís Antonio Gabriela*, de Cia. Mungunzá e Fabia Mirassos
- *Corpo sua autobiografia: #Desmontagem*, de Renata Carvalho
- *Slam Marginália*, poemas de Slam Marginália

Livros

- *Uma mulher diferente*, de Cassandra Rios
- *A queda para o alto*, de Anderson Herzer
- *Manual do roteiro*, de Syd Field
- *Story*, de Robert McKee
- *Como escrever séries*, de Sônia Rodrigues
- *Da criação ao roteiro*, de Doc Comparato

Referências teóricas

- “Compromisso: que o amor seja o amor próprio”, capítulo 4 do livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, de bell hooks
- Capítulo 1 do livro *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire
- *Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra*, de Jaqueline Gomes de Jesus
- *Processo colaborativo: relato e reflexões sobre uma experiência de criação*, de Luís Alberto de Abreu
- “O primeiro relato autobiográfico trans do Brasil vai completar 40 anos”, de Amara Moira (buzzfeed.com.br)
- “Homens trans e o direito de se dizer homem – como a mídia encarou o primeiro texto autobiográfico publicado por uma pessoa trans no Brasil?”, de Amara Moira (buzzfeed.com.br)
- Documentário *Cassandra Rios – a safo de Perdizes*, disponível no YouTube
- *Araci: teatro brasileiro, estudos queer, e (auto)biografia*, de Alberto Ferreira da Rocha Junior (Alberto Tibaji)
“Neon Cunha sobre as bocas do lixo e do luxo”, depoimento para o Instituto Temporário de Pesquisa sobre Censura, da Casa 1
- “Lembro de gente morta com tiro na testa, com a cabeça debaixo de coturno de policial”, entrevista de Neon Cunha para a Ponte Jornalismo
- “As travestis durante a ditadura militar”, no portal Transfeminismo
- “Como eliminar monstros – os primeiros anos da epidemia de HIV/Aids”, live de Ronaldo Serruya com Fabiano Dadado de Freitas no Instituto Temporário de Pesquisa sobre Censura
- “Pode um cu mestiço falar?”, texto de Jota Mombaça
- “A máscara”, no livro *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba
- “Manifesto da representatividade trans” (versão 2018), disponível em: www.globalsustentavel.com.br/manifesto-representatividade-trans-ja
- “Carta manifesto do Coletivo de Artistas Transmasculines”, vídeo disponível em: www.casaum.org/coletivo-de-artistas-transmasculines-a-nossa-luta-e-primeiro-por-visibility/
- *Performances da oralitura*, de Leda Maria Martins
- *Falando em línguas: carta às mulheres escritoras do terceiro mundo*, de Gloria Anzaldúa
- “Depoimento pessoal: memória e autorrepresentação”, texto no livro *Teatro hip hop – a performance poética do ator MC*, de Roberta Estrela D’Alva
- *Da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra*, de Tatiana Nascimento

Séries

- *The Fosters*, temporada 5, episódio 14 – “Scars”
- *Brooklyn 99*, temporada 5, episódio 10 – “Game night”
- *Sex education*, temporada 2, episódio 6 – “Episode 6”
- *One day at a time*, temporada 2, episódio 3 – “To Zir, with love”

- *Good trouble*, temporada 2, episódio 3 – “Double quinces”
- *Orange is the new black*, temporada 1, episódio 3 – “Lesbian request denied”
- *Supergirl*, temporada 4, episódio 11 – “Blood memory”
- *Steven Universe*, temporada 5, episódio 12 – “Jungle moon”
- *Sense8*, temporada 1, episódio 5 – “Art is like religion”